

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 61

SEGUNDA-FEIRA, 2 DE JANEIRO DE 1905

É prohibida a reproducção das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, ilhas e ultramar

Anno.....	8\$000
Semestre.....	4\$000
Trimestre.....	2\$000

Brazil

Anno.....	62\$000 moeda fraca
Semestre.....	30\$000

Territorios da união postal

Anno.....	10\$500
Semestre.....	5\$500



Agente em S. Paulo
A. S. Jorge & Comp.
Charutaria Lealidade
Rua S. Bento, 35

LISBOA

Empresa do jornal "O SECULO."

43—RUA FORMOSA—43

CASAS RECOMMENDADAS PELA ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

JOSÉ D'OLIVEIRA & BARROS - CANDIEIROS E CANALISAÇÕES - T. DE S. DOMINGOS, 28, LOJA - LISBOA

PÂTISSERIE
BENARD
104, Rua Garrett, 104
LISBONNE

BEBAN SÓ O CHAMPAGNE
Moët & Chandon
da colheita de 1898

Empreza Vinícola WENCESLAU
Sucessores FONSECA, COSTA & C.
São os melhores vinhos de mesa e
estufados. — Telefone n.º 902
Praça de Luiz de Camões, 29

SAPATARIA
PARISIENSE

Eduardo de Sousa
Calçado de todas as qualidades
55, R. de Santa Justa, 57

UTOMOVES PEUGEOT — São os de 1ª
classe e mais numerosos em Portugal,
demonstrando assim a sua superioridade
técnica. — A. Beauvalet & C.
representantes da Casa Peugeot e representantes ex-
clusivos. — Palácio Fox — Lisboa

ELYSIO SANTOS & C.ª
Mobília e estofos
Oleadas para soleiros, carpetes, ca-
pachos de café e de arame, passadeiras, etc.
83 e 85, Rua Augusta, 83 e 85

BUCELLAS HOCK
Sandemans
E' o melhor vinho branco

Kermesse
de Paris
Completo sortimento de brinquedos,
Objectos de novidade para brindes,
perfumarias e varios artigos de
utilidade. — 120
Rua do Principe (Avenida, Palácio)

SE QUEBEIS
empregar bem o vosso dinheiro
compre sempre na loja UTILIDADES
José Braga & Companhia
Rua do Ouro, 180, 182 — Lisboa

Chronometre
ZENITH
O melhor relógio em ouro, prata e aço.
A venda em todas as relojoarias.
de senhores e crianças
Novidades em chapéus — J. J. S. Segurado
Solidamente feitos os adornamentos das
para a provincia
Rua do Carmo, 6 e 7 — Lisboa

CANDIEIROS
Electro-acetylene
GRANDE NOVIDADE
104, Rua do Arsenal, 104

RELOJOEIROS
A. J. D'OLIVEIRA & C.ª
Palácio Fox
Praça dos Restauradores, 31

FABRICA DE LUVAS
Campanella & C.ª
Especialidade em luvas de corte inglês,
luvas impermeáveis.
Rua do Carmo, 78

Material de Electricidade
Gaz e Agua
Ha sempre em deposito, encarra-
gando-se de installações completas de luz
electricidade, ventoinhas, campainhas, telepho-
nos, agua e gaz; montagens de electro-
motores para mover moinhos de café, tendo
um consumo muito economico. Ha sempre
em deposito lampadas para todas as vol-
tagens.

JOSÉ VICENTE RIBEIRO
Electricista da casa Cordeiro & Pilar
26, Travessa de S. Domingos, 28, loja
LISBOA

Espingardaria Central
Armas para casa e tiro ao alvo dos
melhores fabricantes — Munições de 1.ª
qualidade.
3, Largo de Camões, 3

Não ha ninguém bilhetes postais
de mais fino gosto, da maior e mais com-
pleta variedade, e venda mais barata, que a casa
ROCHA da Rua do Arsenal, 28 — Lisboa

OURIVESARIA
e relojoaria
FLORINDO
COM
Officina annexa
99, RUA AUREA, 99

SILVA CARVALHO
(FARMACUTICO)
46, Rua de Santo Antão, 52
Completo sortimento de pratos elasticos,
fraldas, artigos para panos, esterilizações,
etc., etc.
Especialidades nacionaes e estrangeiras,
agros medicinas, perfumarias, etc. — 128

Os unicos seguros de vida
COM SORTIDO são os da
"Equitativa" dos E. U. do Brazil

Centro Colonial Typographic
Rua da Conceição da Gloria
Trabalhos em todas as generos.
Preços resumidos

Trabalhos a machina de escrever
Copias perfectas de qualquer documento.
Empreza Correspondencia Commercial
Rua Aurea, 146, 3.ª

Talheres de christoffle
de mais artigos para mesa
JOSÉ ALEXANDRE
Rua Garrett, 8 a 18

Espelhos e vidros polidos
da Fabrica de S. Gualm
Unico agente em Lisboa
MARGOTTEAU FERREIRA & C.ª
36, Rua do Carmo, 36

SANTOS
CAMISEIRO
Roupas brancas para homens

24, ROCIO, 25
Vaccaria Camões
Leite puro, de vacas em estado de fôrtilho,
proprio para crianças e doentes.
Envia-se aos domicilios.
14, Praça de Luiz de Camões, 15

VERLING & C.ª
LIMITADA
Cambio e papel de credito
Praça do Municipio, 1, 2 e 3
Rua do Arsenal, 44 e 46

VIZIELLA
Artigos de rezeiro, modas e porta-
marias
78, Praça de D. Pedro, 80

AMPLIACOES PHOTOGRAPHICAS
em Paris por intermedio da
AGENCIA PHOTOGRAPHICA
Vêr preços e exposições.
Rua Aurea, 146, 3.ª

BACALHAU
Por grosso e miúdo a preços
muito resumidos, vende-se no ar-
mazem da
R. Nova de S. Domingos, 34

Papelaria Progresso
M. A. BRANCO & C.ª — Sortimento
completo de papéis nacionaes e estrangeiros.
151, Rua do Ouro, 153 — LISBOA

JOSÉ FELICIANO ALVES D'AZEVEDO & C.ª
PHARMACEUTICOS
Depositos de drogas, productos chimicos,
pharmaceuticos e accesorios
Depositar dos productos do dr. MOUTON

ARANHA & C.ª
Modas e camifrejas
Roupas completas
Secção de roupas femininas
para homens e mulheres.
272, Rua Augusta, 276

Um brinde delicioso
MOUSSEUX
(Champagne)
Só na Rua Nova de Almada,
86, 90
podeis comprar
um brinde agradável, fino,
saboroso, bom e
BARATO

ARMAZEM DE VIVERES
José da Costa
Telephone n.º 1005
73, Rua do Carmo, 76

FABRICA D'ITALIA
CHAPEUS para senhoras e crianças
J. V. COCHERET
63, Rua do Carmo, 63 — LISBOA

Pitta, Camiseiro
195, Rua Augusta, 197

RETROZARIA
DAVID SOBRINHO
Sempre as mais recentes novidades
76, Rua Nova de Almada, 78

Privilegios e registos de marcas
MACHADO DA CRUZ
AGENTE OFFICIAL DE MARCAS E PATENTES
PRAÇA D. PEDRO (ROCIO), 3, 1.ª

Officina de Torneiro e Serralheria Mechanica
de ALFREDO ALVES, constructor mechanico
Faz e repara de mangelas e reparações de machinas de vapor e motores a gas.
machinas typographicas, debulhadoras e outras machinas agricolas, etc., etc.
19, Rua do Arco a Jesus 19

Vieira da Silva
ALFAYATE
Fazendas e artigos de luxo para honrar
PALACIO FOX
Praça dos Restauradores, 28 e 29

COLCHOARIA
de Viuva Germano Quintão
PREÇOS LIMITADOS
Rua Serpa Pinto, 50

Pão para diabeticos
do Dr. Charrasse, de Marsella
Puro Glúten.
DIAS
Rua Garrett, 78 e 79

Pastelaria Marques
Almôços todos os dias das 10 às 1.
Fortes jantares, lunches e sobras.
70, Chiado, 72 — Lisboa

NOVA PEKIN
CHÁ E CAFÉ
Venda a grosso e a retalho
Especialidade em artigos de mercancia.
Largo de S. Domingos, 5, 6 e 7

VIUVA
Thiago da Silva & C.ª
ESTABELECIMENTO
de ferragens nacionaes e estrangeiras
94, Praça de D. Pedro, 90
Officinas de serralheiro, dourador
metaes e nickelagem

RELOGIOS
dos melhores fabricantes.
Relojoaria Botelho
RUA DO OURO
junto à esquadra de Recio

Pastelaria Raymundo
Especialidade em fructas, doces d'ovos,
biscoitos secos, bombons, chocolates,
cognacs, vinhos
e licores nacionaes e estrangeiros.
Fornecem-se lunches e soirées.
26, Praça dos Restauradores, 26
LISBOA

MUITO BREVE — PANORAMA DA PALESTINA

FRANCISCO RAMOS LISBOA

1, Rua de Santo Antão, 5, (ao Rocio)—17, 18, 18-A, 118-B, Largo do Regedor, 19, 20 e 21, (ao Theatro de D. Maria)
Estabelecimento de ferragens, talheres, metaes brancos, ferramentas dos melhores fabricantes, louças esmaltadas e estanhadas, francezas e 113 111
GRANDE SORTIDO EM TODOS OS SEUS GENEROS. IMPORTAÇÃO DIRECTA
PREÇOS EM COMPETENCIA COM AS PRINCIPAES CASAS

BOLSA OFFICIAL DE LISBOA
CORRETOR **VIRGILIO DA COSTA**
Escriptorio — Rua de El-Rei, 112 e 114

O SEculo
NUMERO

NATAL

Publicação de luxo feita
nas officinas
do SEculo.
Gravuras a cores
pelos processos
mais modernos.

PREÇO

200 RÉIS

Está a venda em todas as livrarias, taba-
carias e kiosques de Lisboa e Porto, e em
todas as agencias d'O Seculo, nas provin-
cias, Africa e Brazil.

ILLUSTRAÇÃO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA.

EDIÇÃO SEMANAL
Empresa do Jornal O SÉCULO

PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographura, zincographia, stercotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 2 DE JANEIRO DE 1905

NUMERO 61



O ANNO NOVO

Chegou o anno novo, 1905, semia se para dar o seu logar a criança ruada que pela meia noite de 31 de dezembro veio para dirigir o mundo, a ser amado, a ter o seu nome em todos os de- cretos, em todos os documentos, em todos os papeis como um soberano cuja rubrica chamellasse todos os factos do universo. O anno novo surgiu e lá hoje domina; trouxe um farol de esperança- na quozira. Deus não sejam dissipadas. O mundo inteiro festeja como a uma divina apparição e 1905 apresenta-se cheio de promessas. O seu antecessor teve uma guerra, uma titânica luta japo-

nese e espera-se que este se acabe, que faca desaparecer dos campos encharcados de sangueira os esquecidos miliaes, d'armas lampiaes e que clamen rirgaças e sombras das suas bandei- ras e relas pelas salas e pelas galpos, esperem que elle puz uma paz appellida apesar de ter en- trado no mundo quando em terra de Porto Arthur se jogam as grandes scenas da luta. Emfim 1905 é, cá está! Que possam gozar venturas até ao seu desapparecimento é o que desejamos aos nos- sos leitores, que cordialmente alitamos o seu começo d'anno.

CHRONICA

O anno novo

O anno é novo convencionalmente. A gente é a mesma por toda a terra, as instituições as mesmas, tudo o mesmo, como na meia noite de 31 de dezembro em que 1904 findou e em que o presente janeiro começou a viver como uma criança que trouxesse com o seu apparecimento uma trouxa de esperanças, d'alegrias, de felicidades, de promessas.

Com effeito o anno novo traz pelo menos a superstitiosa idéa de que vai ser nova a vida, de que chegarão coisas inesperadas, venturas, gosos, que durante os primeiros dias se aguardam como os pequenitos na manhã de Natal esperam ver nos sapatinhos postos na chaminé os presentes do Menino Jesus.

Mas quasi sempre todas essas esperanças, todas essas felicidades sonhadas são como as d'aquella historia do visionario senhor Joyeux do *Nababo*.

Elle era um velhote cheio de idéas, sonhador como um arabe e que estava empregado no escriptorio d'um banqueiro. Só vivia para as filhas e talvez que a sua imaginação incandescente fosse assim por causa d'ellas, tão gentis e tão doces, tão trabalhadoras e tão suas amigas.

O velho Joyeux, em dias de balanço, quando o anno ia findar, corria apressado para o seu escriptorio a sonhar felicidades, a inventar venturas que via realizadas e pensava que o patrão o chamaria ao seu gabinete e lhe diria: «Sr. Joyeux, augmento-lhe os vencimentos, felicito-o pelo seu trabalho.» E via-se já com a bolsa cheia de francos, destinava mentalmente diversas quantias para fazer surpresas ás filhas, sorria, esfregava as mãos, falava alto na rua como um homem verdadeira-



SALA GOMES RAULMA—GRUPOS DE LAPIDES TUBULARES E MONUMENTOS E DE PRODUCTOS CERAMICOS

bir ao seu gabinete, olhou o, encarou-o bem; O velhote tremia de alegria e o outro, na sua voz pausada, exclamou ainda como elle sonhava:

—Sr. Joyeux.

A alegria do empregado chegou ao cumulo, tinha lagrimas de alegria nos olhos e ellas corriam-lhe logo amargamente e em caudas pelas faces quando o ouviu concluir:

—Sr. Joyeux, está despedido!

Ora é assim que geralmente acabam as felicidades que se sonham com o anno novo em tudo igual ao velhote e começando na hora em que elle acorda, pela mesma noite fria de inverno quando se ceia ali pelos restaurants e pelas casas particulares e dominós empoeirados revoltam ao som de clarinetes roufenhos no baile da Trindade.

Ha entre nós a tradição de que se fica a fazer todo o anno o que se praticava na hora em que elle chegou. D'ahi toda a gente procurar ter uma ceia lauta e um maravilhoso jantar que a continue, d'ahi o não se poupar o dinheiro recebido n'esse mesmo dia e de se ecomer a farta em louvor do Anno Novo.

E' certo que muitas gente fica todo o anno a comer,

mas tambem é certo que durante todo o anno continuamos a ver garotinhos esclamados metidos nos vãos dos portais a arroxarem-se do frio, mulheres calquinhando a lama e esmolando, misérias e dores a amarguras, isto talvez porque na hora em que o anno entrou tudo existia assim.

O anno novo é pois uma chimera ao que se vê, uma convencional forma de recomeçar, de acrescentar outra unidade á do anno anterior, e de realisar uma festa; é talvez o anno novo apenas um pretexto para se venderem folhinhas e calendarios.

Mas, seja como fór, elle chegou, veio como um Messias para certos espiritos, appareceu sem allear coisa alguma, mas a dar ao menos esperanças, como os politicos quando se lhes pedem empregos, veio e cá está ou antes n'elle estamos e se não é propriamente um motivo para alegrias tem ao menos por um dia, só por um dia, o seu primeiro, o encanto das cousas novas.

Elle é como uma visita que se recebe sorrindo mas que ao tornar-se hospede aborrece ao fim de tres dias, desde que não traga nas malas com que nos presentear pela hospedagem!

ROCHA MARTINS.



MUSEU ARCHEOLOGICO DO CARMO: O edificio mente feliz e chegava ao escriptorio muito nervoso, aguardando sempre o momento de ser chamado. Lá pela tarde, com effeito, o patrão mandou-o su-



ALGUMAS PEÇAS ANAETHAS E PRODUCTOS DE CERAMICA NATURAL



VE AZUCENA DE TRES SALAS DO MUSEU, A DIREITA, VISITANDO QUE EXIBEM RELIQUIAS DO NATALISMO NACIONAL DE CAÇADORES DE BEJA QUE TAVO PTOURDE PELA CAUSA DA LIBERDADE 1834 E 1846



EXIBIÇÃO DE PEÇAS E MONUMENTOS, PAROIS EN SUJEITO DO TEMPO DE D. SEGURIO, PANOPeia DE ARMAS PRE HISTORICAS



ALGUMAS PEÇAS DA ANTIGA CASA DOS CORTES, DO LADO DE SANTA MARIA, CASA EM QUE DIZEM TER VIVIDO SANTO APOLIO, ANTIGO SENHOR DE BEJA

O MUSEU DA CAMARA MUNICIPAL DE BEJA

(Phot. do sr. dr. Penha Continho)



NO REFEITÓRIO



GRUPO DE DOENTES



CURATIVOS AOS DOENTES DAS CIRCOS



UM PEQUENO CURATIVO



CURATIVO A UM DOENTE DOS OUVIDOS



OUTROS PEQUENOS CURATIVOS



SALA DE OPERAÇÕES

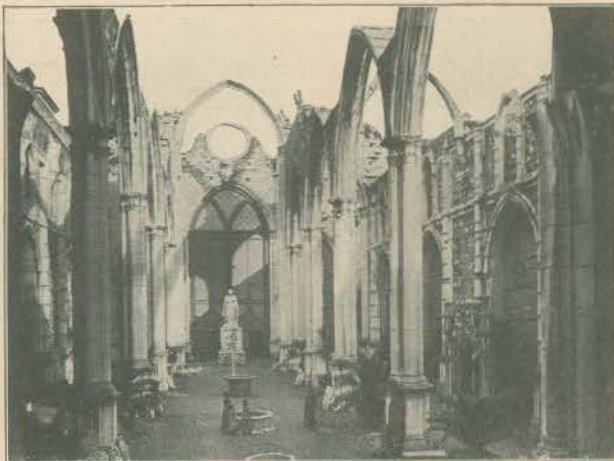
O DISPENSARIO DE S. M. A RAINHA D. AMELIA

S. M. a rainha creou e mantém na rua do Tormento Valadim um Dispensario onde mais de duzentas crianças recebem durante o dia curativo e remedios para as suas enfermidades, isto além d'uma refeição. Com o maior carinho as irmãs da Ordem Terceira de S. Domingos ministram socorros aos desgraçados pequenitos e muitas vezes a propria rainha ali vai ajudar nos curativos e acariar os pequenitos enfermos que se habituaram já a ver na augusta senhora a sua deusa.

da antigã. As mães acompanham ao Dispensario as crianças e vinguem as suas vozes sempre agitas decididas e sinceras em louvores a soberana que assim se dedica as crianças. São duas obras de caridade a sem par as do Dispensario e da Assistência aos Tuberculosos e que bastam para demonstrar a piedade e amor que existem no coração da rainha, as suas altas virtudes e o seu desvelo pelos desprotegidos da sorte.



A ESTATUA DE S. JOÃO NEPOMUCENO.
Que esteve na ponte d'Alcantara



A NAVE DO ANTIGO CONVENTO



A ESTATUA DE D. MARIA I.
Com o baixo relevo allusivo á fundação
da Academia de Marinha



NA SALA NUN'ALVARES
MUSEU ARCHEOLOGICO DO CARMO

N'aquelle convento do Carmo, tão cheia de recordações historicas e que esse guerreiro todo de ideal bravura, Nun'Alvares, fundou, quando farto de victorias se deslhou á religião, trazendo no entanto o seu peito de soldado apertado na armadura sob o barel tradico, está hoje installado o museu archeologico onde a Sociedade dos Architectos e Archeologos Portuguezes guarda todas as reliquias d'um passado d'arte e de grandesa que sem a sua iniciativa fariam perdidas por esse porte fora. No antigo cruceiro da igreja, cujas arcarias parecem ainda querer miltras, estão obras de arte maravilhosas como essas pedras byzantinas que eram do mosteiro de Chelles, os túmulos de S. fr. Gil, de D. Constante, de Gonçalo de Sousa, de Affonso Sanchez e de Ruy de Meneses que o credito escultor Filiberto Pereira reconhece, na sua memoria sobre o Museu, obras primas dos seculos xiii e xiv. Encontra-se tambem na antiga nave do templo a estatua de D. Maria I, estando as quatro figuras que a deviam ladear actualmente no alto da Avenida da Liberdade. A estatua é um riquissimo trabalho com os seus baixos relevos allusivos á fundação da Academia de Marinha e basílica da Estrella, vendo-se n'elles este templo.

Ha tambem ali uma bella janella do antigo Convento dos Jeronymos e a estatua de S. João Nepomuceno que durante annos pomposo sobre a ponte de Alcantara, assistindo a todas as successões que ali se davam, resistendo contra o seu pedestal os embalos das ondas populares e por occasião das revoltas do reinado de D. Maria II, quando Passos Manuel se atravessou nas portas a bradar: Para fôlem passa-se por cima do meu corpo.

Em frente do cruceiro pela porta ngital vê-se a sala Nun'Alvares onde está o modelo da estatua do fundador do mosteiro. É um humum modo, vestido de cota d'armas, e recostado á lança, os olhos são vivos, e pelo largo e ao seu rosto ha como a expressão attiva d'um forte com alguma coisa de doce um aspecto. N'essa sala está tambem um modelo da estatua d'Affonso VI. Vestido de guerreiro, o rei emula-se a um soldado. Naturalmente, como esse desdichado soberano a que chamaram *O Victorioso*, como a'uma lenda, desobedi, e estatua não se fez e o modelo acabou por ser posto da lado até que a Associação dos Archeologos o collocou ali bem á vista.

Fica restigua a sala *Presidência da Silva*, em memoria d'este architecto e archeologo illustre, 27' ali que se vê o modelo em madeira do túmulo de Nun'Alvares, sobre o qual está a figura de gran conestavel vestido no habito de varandista, segurando o seu fôco arribo em vez de ter sobre o peito a lança que na sua mão era uma terrivel arma, essa lança que Nun'Alvares apanhou uma vez do tipo da cerca do Carmo e que se foi cravar na arca do Botic, isto já no seu periodo de desordem e para mostrar a um embaixador quanto o seu braço de monge ainda era vigoroso.

Pelas paredes da sala vêem-se desenhos e baixos relevos egypcios de lhas hirtas, ha collocões de pezes pelos casais, as vitrinas encerram preciosos objectos, havendo entre elles algumas raridades mexicanas.

A sala Affonso Dominguez tem amostras de materiais de construcção.



A ESTATUA DE NUN'ALVARES



A SALA POSSIDOXIO DAA SILVA



A ESTATUA DE AFONSO VI



ESTATUA TUMULAR DE RUY DE BENEZES
Mordomo mór da 2.ª mulher de D. Manuel — 1525



BAIXO RELIEVO DA ESTATUA DE D. MARIA I
Alisivo a fundação da Real Casa Pia

O MUSEU ARCHEOLOGICO DO CARMO

Ha n'este museu uma sala, a D. Fernando II, onde esta o seu busto assignado por Arnaut e encontram-se ali diversas preciosidades: desenhos, magnificos de objectos d'arte, gemas e taças, medalhas etc., e tambem ha aguarellas de dolmens de Ginchibre e da notavel construção do Castelo do Paiva.

Por todas as outras salas existem cousas na verdade dignas de nota, como sejam o pulpitto de Santa Cruz de Coimbra e algumas raridades americanas, as duas mummias que conservam os dentes e os cabelos, além de bons mosaicos romanos.

O museu archeologico installado-se no Carmo traçou de conservar as capellas, todas essas relicas bellissimas d'uma architectura grandiosa, guardando tem a tradição de seu fundador. O traço ali, aquelle terrado do Carmo, lá o povo ballar e fazer descreitos em honra do Santo Condestable que fôrta em Aljubarrota com o rei João e voto de fundarem mesteiros. Fôrta a Batalha dedicada a Nossa Senhora da Victoria e o Carmo a Nossa Senhora do Venturoso. As obras do Carmo, começaram em 1386, mas por duas vezes as obras abstrahiu, sendo necessario preferir mais os allicores. O condestavel, com a sua firma d'animo, cheio de virtude e fôrça, levou a cabo a construção, apesar de tudo, ficando o templo prompto em 1432, sendo sagrado em julho. O

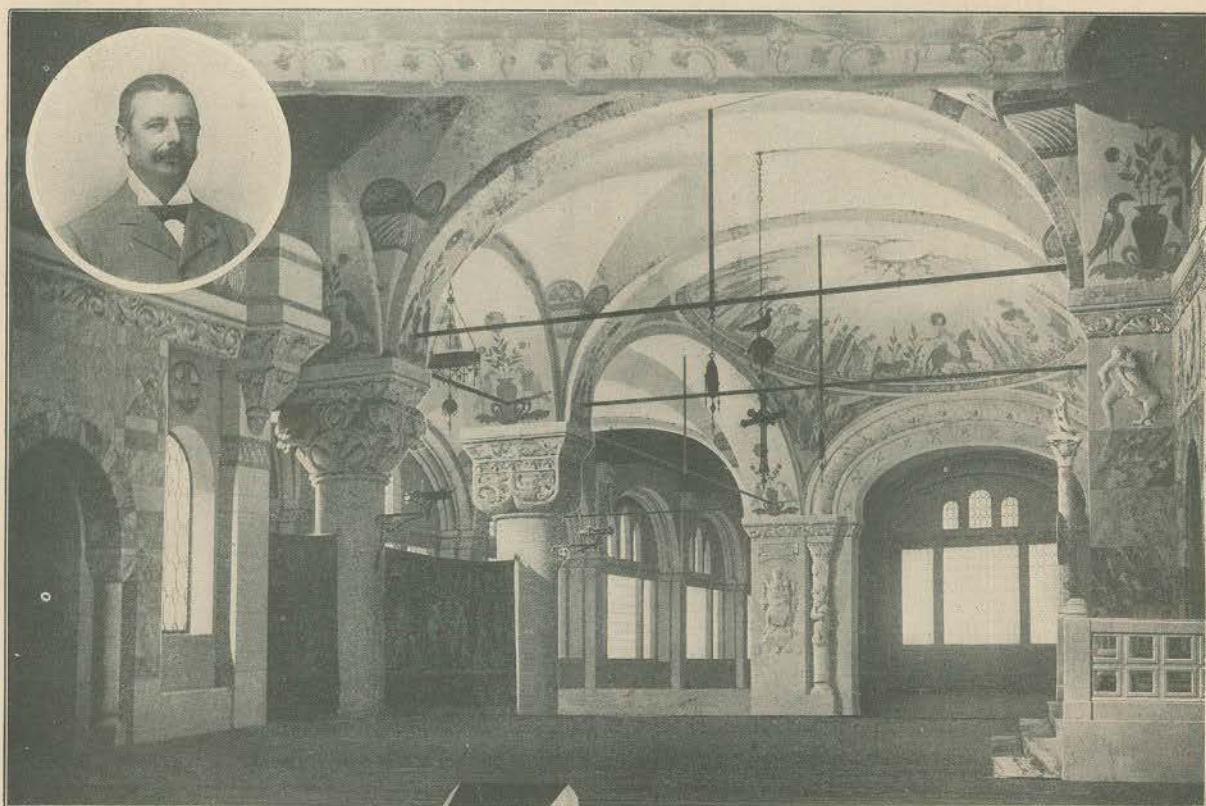
condestavel vigiava attentamente a construção, lá ali, seguiu os trabalhos com o seu olhar de aquella coroa-se estivesse a erguer um refugio que fosse para a fortaleza dedicada a grandesa de Deus e sua queza haveria uma cela para a sua humildade de devoto, porque Nun'Alvares se foi trado quando já estava 63 annos e estava coberto de honrarias e de riquezas.

O templo tinha 25 capellas que foram reconstruidas em começo do século XVI, sendo revestidas de la marmore de cores diversas com relevos, na lumbros e lumbros como espelhos, diz o sr. Gabriel Pereira na sua memoria sobre o museu do Carmo.

Nun'Alvares morreu em 1431 e não se enterrou em sepultura para a mole da capella mór. A infanta D. Isabel, filha de D. João I, casada com o duque de Borgonha, morreu de leucosia em 1432 e foi sepultada em 1433 em uma capella que se devia a conservar as cinzas do venerando guerreiro que ajudara o rei de Boa Memória nas luctas de Portugal contra Castella. O cadaver da mãe do condestavel tambem para ali foi transportado. Na capella e no cimento havia alguns jazigos e entre elles estava o de Afonso de la Santissima João Guimarães, que corregera a sepultura de Nun'Alvares. A Associação dos Archeologos deve-se entre outros assignados serviços a de conservar essas maravilhosas paredes do Carmo, q' que sem a sua iniciativa já teriam talvez sido loçadas pelo habitual vandalismo.



NO DISPENSARIO DE S. M. A RAINHA
AS IRMãs TERCEIRAS DA ORDEM DE S. DOMINGOS EM SERVIÇO NO DISPENSARIO



O SCENOGRAFO MANINI

«REI LEAR», PEÇA DE SHAKSPEARE EM SCENA NO THEATRO D. MARIA

ADAPTAÇÃO E TRADUÇÃO EM VERSO DE JULIO DANTAS — A SCENA DO PRIMEIRO AUTO, TRABALHO DE MANINI

Esta peça, magnificamente posta em scena no theatro D. Maria, é um trabalho brilhante de Julio Dantas, que conservou toda a acção da tragedia nos 7 quadros em que a resumiu. A obra do grande dramaturgo inguez, cheia de genio e de grandesa, era irrepresentavel, sobreindo no nosso meio, e por isso o talentoso escriptor, fazendo a sua traducção e adaptando-a ás necessidades ac-

cione de hoje, prestou um relevante serviço ao theatro assim como a empresa do D. Maria apresentando-a com essa magnifica decoraçao em que Manini fez assombros e Augusto Pina demonstrou todo o seu valor.



A ACTRIZ LIZ VELLOZO
No papel de Cordelia



A ACTRIZ ANGELA PINTO
No papel de o conest



A ACTRIZ AUGUSTA CORDEIRO
No papel de Regane



O ACTOR FERNANDO MAIA
No papel de Conde de Kent



O ACTOR FERREIRA DA SILVA
No papel de o Rei Lear



O ACTOR AUGUSTO DE MELLO
No papel de Gloucester



O ACTOR CARLOS SANTOS
No papel de Eduardo



O ACTOR LUIZ PINTO
No papel de o Edmundo



O ACTOR IGNACIO PRIETO
No papel de o Iago

OS INTERPRETES DA PEÇA «REI LEAR» EM SCENA NO THEATRO D. MARIA II



O SINISTRO DA BARCA AFRICANA, EM 26 DE DEZEMBRO

A barca *Africana* saiu de Nova Orleães em 14 de novembro, gastando 43 dias na viagem. Até aos Açores veio sem incidente, mas d'alli para Lisboa entrou a rolar o vento pela proa, tendo a tripulação um trabalho fustoso em ferrar e desferrar passavos, sendo o capitão, sr. Bello de Moraes, obrigado a arribar a Vigo. Ao deixar este porto, dirigiu-se para Lisboa chegando a Cas-

cis p.das 11 da noite de 26 de dezembro e buscando o comandante tomar piloto, e que não conseguia, porque já se recolhera o *galeto* dos praticos. Faltou a *Africana* no talia. O temporal aumentou consideravelmente, o mar agitou-se pouco a pouco e a barca começou a dar grandes estalos e a amarrar, que por fim cedeu. Lançada segunda amarra, de novo foi violentamente quebrada,

desviando então o capitão o rumo que a *Africana* temia para seguir em direcção a Lisboa, não achando um terrível temporal que se desencadeara. A barca vinha sem poder parar no T-jó por falta de amarras, mas passando próximo do cruzador *D. Carlos* pediu-se de bordo soccorro e logo se diversos navios, correspondendo aos signaes d'alarme, diversas embarcações accorrem. Já a

Africana estava perto de ser soccorrida pelo vapor *Cuzor* quando chegou o vapor *d'Alfama* da commandado pelo patrão Marcelino Rodrigues, que prestou valiosos serviços. Logo em seguida o *Cuzor* não pôde ser mais útil e barca pôs metters o bolice no cabo do rebouque. A *Africana* pertence à Bruma J. A. Ferreira & C.ª de Lisboa e vinha carregada com 76000 adellas.

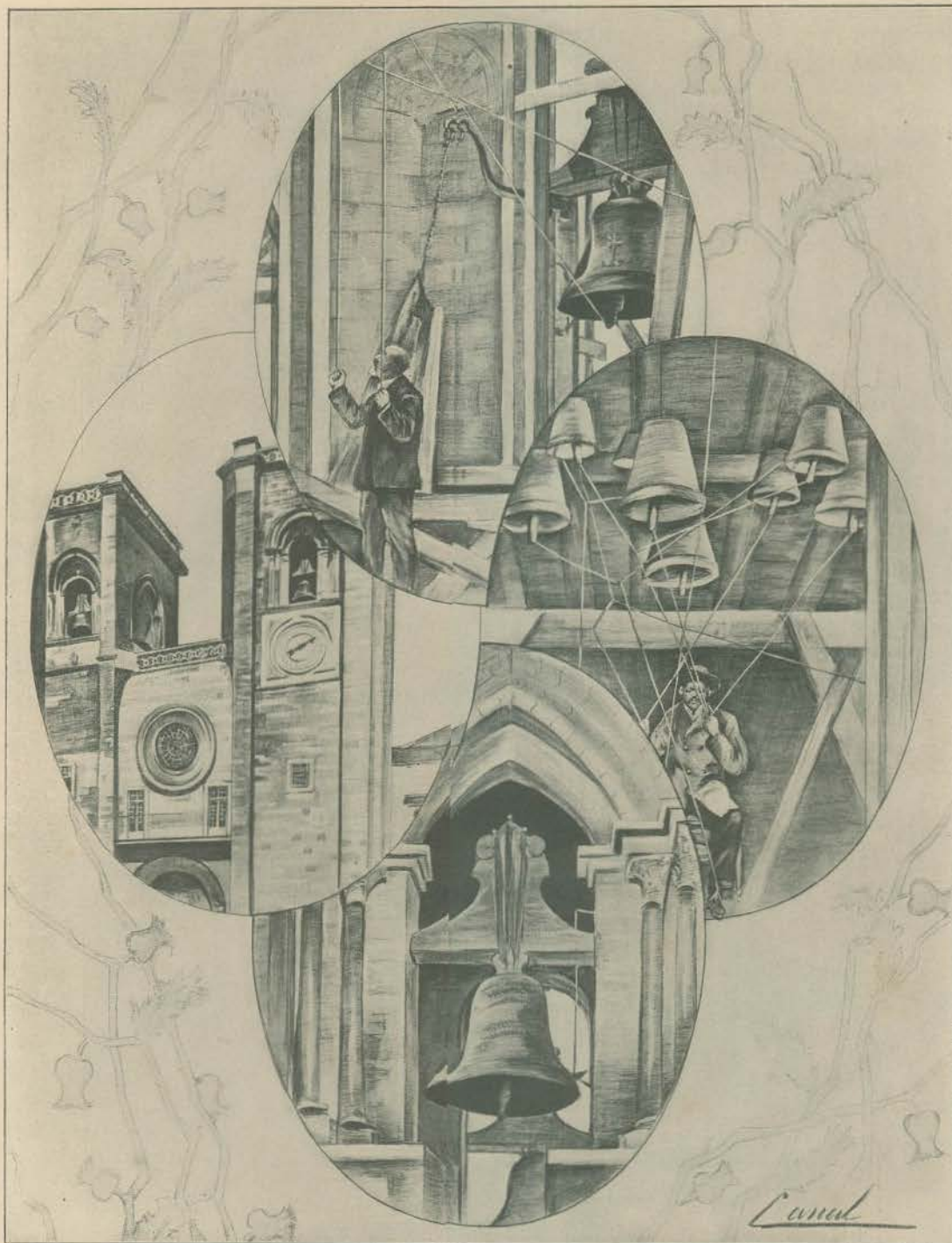


GUERRA RUSSO-JAPONESA: O ATAQUE DE TAI-FUI-SIU

Kuropatkins telegraphou para S. Petersburgo noticiando que no dia de Natal os japoneses atacaram o corpo da guarda avançada no desfiladeiro de Tai-Fui-Siu, sendo os russos obrigados a retirar, mas, tendo recebido reforços, reoccuparam o desfiladeiro. Esse ataque de Tai-Fui-Siu foi um dos mais brilhantes que a infantaria

japonesa tem realizado. A carga de baioneta que se deu n'este ataque marcou bem a instrução e a bravura do regimento japonês. As guardas avançadas russas esperaram a pé firme as avançadas japonesas, trocaram alguns tiros d'emboscada, até que de chofre a infantaria, de baionetas armadas, correu como uma

enorme massa que fôz-se despenhar se pelo desfiladeiro, e por o inimigo se debilitada. Então um reforço russo appareceu e, travada nova escaramuça, os japoneses recuaram com precipito e sem desmancharem a ordem, preparando-se, segundo os telegrammas, para uma investida, aguardando apenas soccorros.



OS SSSINOS DA SÉ.
O SINEIRO AS TORRES DA SÉ — A APPRENDIZ-GERM — O SINO DA TORRE DO RELÓGIO

Os sinos são, segundo a Escriptura, elementos que dominam as tempestades e fazem fugir os demónios que andam nos espaços. Mas elles são sobretudo órgãos de a pello, annunciadores de felicidades e de desgraças, de festas e de pavoros. Rodavam os sinos nas calamidades publicas, pelos incendios, pelas revoltas; tocam agora pelas festividades, chamando os fiéis a oração, a doando por fados. O sineiro de profecia adora os sinos, como esse artista da Sé que se chama a linguagem pitoresca: lhes fala e d'elles vive. Chama-se Alfredo José Rodrigues o sineiro que já se vai ensinando o filho para lhe succeder n'esse officio, para occupar o seu lugar no campasario da v.

lla Sé, como se estivesse a educar para um throno um principe herdeiro. E' n'uns vasos de barro vulgares e de differentes tamanhos que se faz a aprendizagem do sineiro. Ligan-se uns improvisados badalos por cordas, suspendem-se os vasos ao inverso e assim se entra a manobrar os barayes, até que n'um momento dado faz a sua iniciação com sinos verdadeiros n'uma alegria intensa de tomar posse do cargo e como se elles nas suas vozes vibrantes lhe segredassem phrases de prazer e de ventura.



A INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A EDUARDO COELHO, EM 29 DE DEZEMBRO

Eduardo Coelho, cujo monumento foi aqui inaugurado em S. Pedro d'Alcântara, foi um trabalhador da imprensa e que ao jornalismo dedicou toda a sua vida com fe e com ardor, fazendo de profissão um ideal e exaltando por elle. Teve um estado por emprego de commercio em d'esses empregados que, acciende a fama a litteraria, breve se aborrecem do positivismo dos escriptores—deixam a esca-

onde trabalhava e com a sua malta da littera e uma pouco quantia no bolso foi de-
diar-se a tarefa das letras e do portal. Ao contrario soffreu reversa, trabalhou como typographo, labuta a garça e rão e por fim venceu. No a sua obra litteraria não tem pretensões d'arte, o, pelo menos, um empenho para o povo, e deve con-
tar-se entre os que n'este para alguns resultados tem produzido. Por subscrição

foi o monumento e foi encarregado do trabalho o architecto sr. Alvaro Machado e do busto o escultor Costa Motin.

Em 28 de dezembro os srs. ministros da reino e da justiça inauguraram a es-
tatueta, que foi entregue a Câmara Municipal de Lisboa.



O QUADRO DE PRATA

Offerecida pelos empregados dos correios e telegraphos ao sr. Paulo Benjamin Cabral, Inspector dos telegraphos



O QUADRO DE PRATA

Offerecida pelos empregados dos correios e telegraphos ao sr. conselheiro Alfredo Pereira, director geral dos correios e telegraphos



O PIANISTA ARTHUR DE GREIF



A VIOLINISTA ELSA RUEGGER



O VIOLINISTA MATHIEU CRICKBOOM

AS CELEBRIDADES MÚSICAES QUE SE EXIBIRÃO NO THEATRO D. AMELIA EM 5 E 6 DE JANEIRO



A INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A EDUARDO COELHO, EM 29 DE DEZEMBRO

Eduardo Coelho, cujo monumento foi agora inaugurado em S. Pedro d'Alcântara, foi um talhador de imprensa e que se jurámos dedicar todo a sua vida fe e com ardor, fazendo de profissão um ideal e consagrando por elle. Foi do com estado por empregado de um mercio—em d'esses empregados que, aniciando a fama a litteraria, breve se abertem de positivismo dos escriptos—deixam a casa

cada trabalhava e com a sua malta de livros e uma parra, quantia no bolso foi de desistir a tarefa das letras e do jornal. At. como co-eficaz retrazo, trabalhou como typographo, labia a ganhar o rão a por. Em vauva, de a sua obra litteraria não tem pretensão d'arte, e, pelo menos, um encaminho para o povo, e deve contar-se entre as que d'este para alguns resultados tem produzido. Por subscrição

des-se o monumento e foi encarregado de trabalho o architecto sr. Alvaro Machado e do busto o esculptor Costa Mello.

Em 29 de dezembro os srs. ministros do reino e da justiça inauguraram a estatua, que foi entregue a Camara Municipal de Lisboa.



O QUADRO DE PRATA

Offerecido pelos empregados dos correios e telegraphos ao sr. Paulo Benjamin Cabral, inspector dos telegraphos



O QUADRO DE PRATA

Offerecido pelos empregados dos correios e telegraphos ao sr. conselheiro Alfredo Pereira, director geral dos correios e telegraphos



O PIANISTA ARTHUR DE GREY



A VIOLINISTA ELSA RUEGGER



O VIOLINISTA MARTHEU CRICKBOOM

AS CELEBRIDADES MÚSICAES QUE SE EXIBIRÃO NO THEATRO D. AMELIA EM 5 E 6 DE JANEIRO



— E AS LÍRIAS... — CUSTARAM-ME CEM CRUZADOS!

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTÓRICA ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

«Durante a noite, essa voz vem acordar-me, inclemente e prophética, denunciando-me os ministros, que prevaricam, os jesuítas, que avançam, a nobreza, que recue, a cabeça! E quando me levanto, pallido de pensar nos males da patria, a Princesa, para me distrahir, leva-me a vêr os seus papagaios do Brasil! Quando eu passo, as mulheres olham-me com ternura e os homens com indifference! O arcebispo espalha na corte que minha mulher me reprohe!... e minhas revoltas chamam-se infantilidades! Os medicos imaginam curar-me com os seus remedios! Ninguém vê que eu soffro da mesma doença que a nação! Suppõem fortalecer-me com as mudanças de ares, quando o unico ar que convém á minha debilidade é o que se respira do alto de um throno! Todos me julgam uma criança! Todos abusam de mim! Por isso, quando essa mulher entrón, com as radiantes alegrias de uma favorita, disposta a apoderarse do meu coraço, tudo quanto dentro de mim existia do orgulho viril se ergueu contra ella, para a esmagar! Porque ante-hontem lhe beijei a mão, duque, pensava, essa boneca fútil que eu anclava hoje

talvez por lhe beijar a boocca! E já vinha em triumpho, com o seu ar de candura e os seus olhos de virgem, a occultas do marido e na ausencia da Princesa, escolher um lugar no meu leito vazío! Ainda procurei dominar-me, duque! Mas tudo n'ella me irritava, como uma offensa, e quando na sua voz infantil, em que a minha severidade puzera já tremuras de receio, tentava conquistar-me, simulando ter uma supplica a fazer-me, eu senti o desejo impetuoso de expulsá-la... E sabe porque, duque? Porque nos seus olhos azuis eu via claramente que ella me suppunha como os outros um principe voluptuoso e leviano, peccador e adultero, escandaloso e sem escrúpulos!

— Consinta Vossa Alteza que eu vá saber da condessa os motivos que a traziam sosinha a Queluz...
— Tem grande empenho n'isso, duque?
— O maior empenho, Alteza!
— Cautela, duque! A Rainha é felleira!
— Vossa Alteza quebronde o felleiro?
— Vá, duque! Convide-a a passear nos jardins. Nunca

uma mulher encontrou confessor mais galante e mais indulgente... E se entender que eu devo pedir perdão á condessa, estou prompto a beijar-lhe de novo a mão...

— Onde encontraremos Vossa Alteza?

— Vou ler o senhor de Montequiou para o jardim, enquanto não chega lord Beckford!

— O lord terá que esperar!

— Porque, duque?

— Porque Vossa Alteza beijará ambas as mãos á condessa!

— Não será muito, ambas as mãos?

— Para principiar? Sim; talvez demais! Mas Vossa Alteza beijou ante-hontem a mão direita á condessa. Resto-lhe a mão esquerda... Que beijará Vossa Alteza amanhã?

D. João sorriu.

— Amanhã, duque, beijarei o anel do meu confessor

Laftes fez uma reverencia, disse com um trajeito do satyra e surpreza:

— Ah! Vossa Alteza confessa-se?

— Amanhã...
— Consinta então Vossa Alteza que sem demora eu vá falar à condessa...
— Para que tanta pressa, duque?
— É o meu desejo christão de que Vossa Alteza não deixe de confessar, com inteira consciencia, o seu ultimo peccado...
— Duque! Duque! Para meu director espiritual...
— Considera-me demasiado precador? — interrompeu Lafões, com o seu mais gracioso sorriso de ironia.
— Considero-o demasiado indulgente!
Lafões curvou-se.
— Faltava de Vossa Alteza!
— Não m'os agradeça! — atalhou D. José, sorridente.
— Confessasse então Vossa Alteza...
— A'manhã!
— De manhã?
— Antes da missa. Parece que é o duque quem me vai confessar!

— Eu sou demasiado indulgente e os confessores dos príncipes e dos reis devem ser rigorosos!
— Lembra-se o duque de mais algum peccado meu?

Lafões tirou da caixinha de esmalte uma das suas pastilhas favoritas, pareceu lê-las, reflectir, com o bastão debaixo do braço, a pastilha na ponta dos dedos.

— É que, se Vossa Alteza se confessar amanhã...

— De manhã...
— Antes da missa...
— Então?

— Podia com menos receio e com menos escrúpulo aggravar os peccados de hoje...

— E que novo peccado me aconselha, duque?

— Meu senhor e meu sobrinho, em lugar de dois beijos, quatro!

O rosto sorridente de D. José amarelou-se. Um leve rubor, como quando existia na sala da condessa de Stephanis, subiu da sua pequena e redondo mento voluntário até aos bucos empoados da cabeleira.

— O meu mestre não foi o marcial de Richelieu, duque?

— Bom o sei! — disse Lafões, secamente.

— O duque disse uma verdade dolorosa. Entre nós ambos, apesar da nossa estima, está sempre o Marquez de Pombal!

— Não era necessario repeti-lo, Alteza! Ainda ha um instante, nós eramos amigos!

— E sempre o seremos, duque!

Lafões abanou incredulamente a sua cabeça empoadada. A sua velha mão, valorosa e boa, de dedos elegantes e finos, em cujas veias azues corria sangue de reis, procurou o bolso da casaca, para guardar a caixa das pastilhas.

Mas os anéis, prendendo-se de rendas de lenço, arrastaram do bolso uma outra caixa de ouro, um espelho, um par de ligas de seda, flores murchas, um estojo minúsculo de crystal e um vidrinho de saes.

N'um instante, todas aquellas frivolidades caíram no tapete com um rumor crystallino e metálico.

— O duque traz consigo um toncador! — exclamou encolmetido D. José, juntando com a ponteira do bastão os objectos dispersos.

Lafões curvou-se para apanhar as ligas, com a solemnidade de um duellista, ao levantar do chão o fivete do adversario.

Para que serve essa caixinha de ouro, duque?

— É uma caixa de polvilho!

— Ah! É essa outra caixinha de crystal?

— É uma caixa com *suboes* de taffeta!

— E que contem o vidrinho?

— Saes contra os desmaios, Alteza!

— E as ligas?

— Custaram-me com cruzados!

— O duque arruina-se em ligas!

— Outros se arruinam em cousas piores, Alteza!

— E as flores?

— As flores não me custaram nada e não as vendo por dez mil peças de ouro!

— Trax tambem um espelho...

— Para me vêr!

— Assim gosta de se vêr, duque?

— Quem não gosta de vêr uma face honrada e um claro olhar, onde se reflecta uma nobre consciencia?

— Duque, os seus bolcos compromettam-se!

— Não trago a minha reputação nos bolcos, Alteza!

— O seu assento de *follette* mal condiz com o cargo de Governador das Armas da corte e provincia da Extremadura, duque!

Lafões, aquella nova offensa, empallideceu, e desabotoando a sua vestia de setim bordada a matiz, affas-

tando a camisa de hollanda, bordada como uma camisa de mulher, mostrou no peito a sua cicatriz heroica da guerra dos Seto Annos.

Ela aqui, Alteza, a minha maior patente nas armas, ganhei em combate com os generaes do grande rei Frederico, defendendo os direitos e o throno de uma mulher e expondo por ella a minha vida!

D. José baixou a cabeça, arrependido.

Lafões abotoou com vagar a sua vestia de setim, compoz ao espelho de um tremó os seus bolcos de rendas francezas, e caminhando para o Príncipe disse com arrogancia:

— Quando Vossa Alteza precisar de um homem que morra por si, pode escolher e entre todos os soldados do reino, sem receio, o tenente e general duque de Lafões! As minhas pastilhas, os meus polvilhos, o meu vidrinho de saes, as minhas ligas de seda e os meus lenços de renda não ostarvão a minha espada de sair da bainha nem o meu sangue de sahir do meu corpo!

— Bem o sei, duque!

— Não parece, Alteza!

— Mas para que todos creia a adeitos porticos, todos ex-

guando, perante a desgraça, discreto a braços com a desventura, fiel em face da ingratidão! A historia dirá de mim que houve um duque em Portugal, parente dos reis, o primeiro na gerarchia e pelo sangue, que passou o melhor da vida no exilio, que foi bravo na guerra e affavel na paz, que teve por amigos Goethe e Glick, que fundou a Academia das Sciencias, foi protector das Artes, inimigo da hypocrisia, galante com as mulheres, o unico integro, nunca calumniou, nunca tyrannizou! É um nobre epitaphio, Alteza, que vale o de muitos conquistadores e soberanos!

— Alguma cousa falta acrescentar ao panegyrico, duque! — disse D. José, com doçura.

— Vossa Alteza o dirá.

— Duque, n'um tumulo vasto como a sua grandeza, todo de marmore, branco e immaculado como a sua alma, em letras, que fossem de ouro, como o seu caracter, ficaria bem este outro epitaphio: — Aqui jaz um grande homem, que durante a longa vida sempre lidou em parecer pequeno: um valoroso soldado, que escondeu as cicatrizes heroicas debaixo das rendas de um tafal, e que tendo podido ser rei do Portugal quiz ser apenas o amigo soffredor e dedicado do mais ingrato príncipe português! Que lhe parece o epitaphio, duque?

— Indiscreto, e no mesmo tempo injusto e bisongreiro!

D. José caminhou para o seu velho amigo, tomou-lhe a mão, pousou na sua face pintada os olhos intelligentes.

— Ha no duque um homem que me atrahiu o dominio, cujas palavras chegam ao meu coração como caricias, e outro homem que me affasta, que me repelle, que me excita! Duque, eu venero-o e amo-o acima de todos os outros! Mas o que eu mais amo em si é esse grande homem oculto, que ninguém vê debaixo dos polvilhos e do carmin! Se eu fosse rei, outro não seria o meu ministro!

— Preferia ser o guarda roupa de Vossa Alteza! — interrompeu Lafões com amargura e soberbia.

— Tem razão, duque! Ministro seria pouco!

— Pouco para o que eu fui: demais para o que eu soumo ser!

— E que desvairado empenho é esse, duque, de parecer o que não é? A que tenebroso calculo obedece essa obra prodigiosa de dissimulação?

— É necessario esconder o rei, Alteza, para que nenhum olho o veja, para que ninguém o presinta! O rei ainda vive cá dentro! Preciso de fazer penitencia! — exclamou Lafões, chegando ao Príncipe ao peito, como um filho.

— Como seria bom vê-lo sempre assim, meu tio! murmurou D. José, com infantil ternura. — Ao menos, quando estivermos sós, pouse a terrível mascara! Para que dissimular junto de mim? Para que esse riso amargo de ironia, esses sarcasmos e essas nobres mentiras? Seja para mim como um pai!

Lafões estremeceu violentamente, descalçou os bucos do pescoço do Príncipe, disse com uma voz, que a commoção alterava:

— É impossivel, Alteza!

Tristemente, Lafões balanceou a cabeça.

— Porque ha cinco annos, que inutilmente, sem qualquer proveito para nós dois, me afadigo em amar e servir Vossa Alteza! Que importam os entusiasmos de um dia? Pôde Vossa Alteza, de vez em quando, ter-me amor como um filho. Mas esse amor não é sequer indulgente para com as minhas fraquezas!

Não é assim que se ama um pai! Nunca em poderer vencer e expulsar o *outro*. A minha paternidade seria apenas uma tufala ingrata e injuriosa! Para que illudirmo-nos! Agora mesmo, do nós dois, é Vossa Alteza quem dissimula e não eu! Sou velho e cheio o coração humano! De quanta desconfiança chelei esse ministro e deploravel morte a mocidade do seu príncipe!

— Não o comprehendo, duque!

— Ha duas horas que batalhamos, sem me comprar e vendermos!

— Por causa de uma mulher!

— Exactamente! Por causa de uma mulher, que Vossa Alteza ama!

— Duque!

— E que Vossa Alteza maltratou por arrogancia!

— Duque! — outra vez gritou D. José, com exasperação.

— Que Vossa Alteza maltratou por soberbia!

FOLHETIM N.º 19

(Continúa.)



O TENENTE GENERAL DUQUE DE LAFÕES

ses frívolos utensilios, todas essas attitudens adamadas, com que o duque mascara e o heroe do polvilho?

— Alteza, eu amo a bravura e detesto os espadachins! A guerra é uma monstruosidade, ás vezes necessaria, mas sempre odiosa. Os guerreiros são ridiculos na paz. Prefiro vestir-me de sedas e de ferro. Gosto mais de ser corajoso do que insolente! Deleito-me muito mais nas salas, junto das mulheres, e, que nos quartéis, junto dos soldados. A delicadeza e o o espirito seduzem-me incomparavelmente mais do que a a bravura e a rudeza. Prefiro o aroma suave dos polvilhos ao cheiro estonteador da polvora. Desprezo os homens orgulhosos e arrogantes, com a alma calcinada de arambições, o coração endurecido de soberbia, que passam a na terra como flagellos, entre o terror dos povos, fallando como prophetas, olhando desdenhosamente os seus semelhantes, como divindades, que repartem pelo carrasco os seus triumphos e cujos instrumentos de conquista e de victoria são quasi sempre o exilio, o carcereiro e o cadafalso! Detesto os homens severos e rispados, rigorosos e autocraticos, para quem a mulher é uma escrava despreciable! A grandeza está em ser justo. Alteza! A gloria está em ser bom! Com as minhas frivolidades, eu soube ser valente na lucta, desarmado em frente do perigo, resi-



Sr. CONDE DE S. MIGUEL
Fallecido em 25 de dezembro



Sr. XAVIER MACHADO
Fallecido em 26 de dezembro



Sr. VISCONDE DE CORUCHE
Fallecido em 27 de dezembro

CHRONICA ELEGANTE

Começamos hoje por saudar o novo anno, que surge promettedor de alegrias e venturas, endereçando aos que nos leem os melhores desejos de prosperidade e delicias. Voltando o pensamento para o que já lá vai, vemos sumir-se nas brumas do passado os bons e maus momentos que a 1904 nos trouxe, o bem depressa entrevemos ao futuro que sonhamos radiante e feliz.

Oxalá não tenhamos nunca a registar senão cousas

boas quando mais não seja senão em materia de modas e de elegancias, que são agora da maior actualidade n'esta época de Visitas, de felicitações, de festas e boas festas.

Como as crianças são principalmente festejadas n'estes rissonhos dias, falemos um pouco das suas *façanhas*, nas quaes se acentua o mesmo cunho de opulencia e elegancia, evidenciando nas das senhoras. Os *babes* até aos 3 annos vestem pouco mais ou menos sempre da mesma forma. Vestidos de *lainage*, seda, pol-luetta ou velludo, azul claro, rosa e sempre acima de tudo branco. Como

quero, já acompanham as evoluções das modas das mães nos seus innumeros detalhes.

E' um agrado especial a intuição de vestir bem crianças, fazendo realçar o que ellas tem de bom, occultar qualquer defeito, apparecer com a mais sumptuosa elegancia, sem contudo fugir á apparente simplicidade que deve presidir á linha geral do traje infantil.

Nas circumstancias corrimónias, *matinees*, balles in-

fantis, arvore do Natal, recepções, jantares de festa baptisados, casamentos, etc., as meninas trajam sedas de côr clara, o branco, azul, rosa, *gris* claro ou *beige* claro, são as *nuances* preferidas e como tecidos o *taffetas*, *taissine*, *surah*, *Liberty*, *crêpe de Chine*, velludo ou *peluche*.

Nada de setins pesados ou lavrados, de velludos *façanhas* e brocados, que são privilegio das avós e das mães menos novas. As capas de agasalho são ordinariamente no genero *carriac*.

Os chapéus, *canotier* enfeitado, *capeline*, *feutre*, seja qual for o feltro, guardam-se de fitas de setim ou *moiré*, *draperies* de seda molle, gaze ou velludo, *choix*, grandes plumas d'ayestria frisadas e ondulantes.

As *fournures* para meninas limitam-se a um pequeno *bicho* ou gravata, rugado e algumas fitas guarnecendo o vestido ou capa e cabeções ou *comoiras* curtas. As unhas admittidas para grande *façanha* são em branco, *arminho*, *mongolie* e *grebe* de reflexos assassina-dos.

Fig. 1 — *Mau-jeau* e chapéu para menina de 3 a 7 annos em *peluche* a x 1 clara com *surah* do *taffetas*. Pluma azul no chapéu.

Fig. 2 — Blusa elegante para menina de 15 annos, em *surah* e gaze côr de rosa. Chapéu de gaze e froco côr de rosa com pluma rosa e rosas de velludo.

Fig. 3 — Traje de cerimonia para menina de 4 a 6 annos, em sôda *Liberty* branca e rendas *Valencia-nas*.



FIGURA 1

abaixo a capa e melhor ainda a *doubletelle* para agasalho, feita de panno fino, de *bengaline* forrada de setim *ourati*, de *peluche* de lã ou seda igualmente bem forrada a *enveloppante*. Os chapéus redondos, *béguins*, *capelines*, *toncas*, tudo se usa e assenta maravilhosamente sobre os cabellos de ouro dos gentis *bébes*. Depois dos 3 annos começa a marcar-se a differença de traje dos meninos e meninas. Quanto aos primeiros a variedade não é grande e estão pouco sujeitos ás alterações da moda; as meninas é que, sendo umas senhoras em porto po-



FIGURA 2



FIGURA 3



O GRAMOPHONE

BRINDE

1905

Eis-nos chegados à época dos brindes, dos presentes, dos cadeaux, eis que em todos os espiritos existem as mesmas perguntas: «Que devo offerecer?» «Que poderei eu dar que seja novo, interessante, duradouro e que possa dar prazer sem ser uma coisa banal e que se torne commum e que seja constantemente uma lembrança graciosa da minha oferta!»

Offerecendo um Gramophone sereis festejado cordialmente, sereis o generoso amigo, bem recebido sempre e sempre desejado, porque fizestes um presente que dá prazer constantemente. O Gramophone é um presente que se pôde offerecer a todos: aos rapazes cujas aspirações artisticas despertam, que procuram aprender e que poderão desde logo conhecer as grandes paginas musicas como as de Pugno, Grieg, Kubelik e de todos os celebres virtuosos; à mãe de familia que terá nas suas reuniões concertos encantadores, e distrairá assim as suas visitas educando-lhes ao mesmo tempo o espirito; às meninas que tornarão artisticos os seus «five o'clock» e farão que as suas festas sejam as preferidas pelas suas sympathias e pelas suas amigas, que poderão facilmente ouvir os seus artistas mais preferidos.

Offerecer um

GRAMOPHONE

é chic, é elegante,
é o **BRINDE** mais
gracioso para 1905.

Extracto de alguns attestados:

Sarah-Bernhardt — Non l'écho de la voix, mais la voix elle même.

Jean de Reské — Reproduit la voix humaine à la perfection.

Paul Monnet (de la Comédie Française) — Surpasse tout ce que l'imagination peut concevoir.

Adelina Patti — En écoutant les disques de Caruso e de Plançon, il me semblait que ces artistes



chantaient actuellement dans mes salons.

A. Affre (de l'Opéra) — Sonorité, puissance, timbre, tout est absolument rendu.

F. Gémier — Que les directeurs de théâtre l'écoutent et l'emploient.

Aino Ackté (de l'Opéra) — Désormais nous vivrons parmi les générations, puisque notre âme leur parlera.

Coquelin Cadet (de la Comédie Française) — La joie de m'entendre.

F. Litvinne (Soliste du Tsar) — Transmet la voix d'une façon si fidèle.

Segond Weber (de la Comédie Française) — En tous points parfait.

F. Delmas (de l'Opéra) — Instrument absolument complet et parfait.

Yvette Guilbert — Remplace véritablement le meilleur orchestre.

J. Noté (de l'Opéra) — Seul capable d'enregistrer avec la perfection la plus absolue la voix des artistes.

J. Rictus — Sonorité, clarté, point de nasillement habituel à ces sortes d'instruments, c'est tout-à-fait merveilleux.

De Max — Nécessité de cet instrument dans les théâtres.

Madame NMarchesi — Comble une lacune dans l'histoire des arts. Désormais les émotions artistiques, pouvant se reproduire à l'infini, seront léguées aux futures générations.

Fern. de L. Lucia — M'a fait écouter ma voix avec toute la fascination d'un beau chant italien.

E. Reyer — L'illusion complète de la voix humaine.

Massenet — Le Gramophone m'a totalement ravi.

Leoncavallo — J'ai cru, restant dans une chambre à côté, que vraiment Caruso était là avec sa voix divine pour me chanter **Ridi Pagliaccio**.

Gramophones de luxo

DISCOS NOVOS

A' venda na

COMPANHIA FRANCEZA DO GRAMOPHONE-RUA GARRETT, 47, 2.

28, Praça dos Restauradores, 28 — (Avenida Tailor) **Palacio Foz**, Lisboa

Succursal na Figueira **Rua Bernardo Lopes**, em frente do Casino Peninsular

Fazendas de alta novidade e finissimo gosto e mais artigos de luxo para homem

Luxuosamente ilustrado com numerosas e deslumbrantes gravuras

Este romance tem obtido um extraordinário êxito tanto no estrangeiro como em Portugal

Um ótimo volume em brochura e encadernado em percalina, com capa de um efeito surpreendente e valioso trabalho em aguarela do exímio pintor Condeixa. — **Pedidos às agências, ou para a**

Bibliotheca d'O SECULO — LISBOA

Oferece-se para indicar gratuitamente a todos os que sofrem de debilidade geral, neurastenia, prostração, vertigens, anemia, palpitações, enfermidades nervosas e atônicas, um remédio maravilhoso que uma casualidade lhe deu a conhecer. Curada pessoalmente, assim como numerosos enfermos, depois de usar em vão todos os medicamentos preconizados, em sinal de reconhecimento eterno e como um dever de consciência, da hoje esta indicação, cujo propósito, puramente humanitário, é a consequência de um voto. Escrever a **Carmon Garcia y Gonzalez, Aribau, 24, 1., Barcelona**. (Hespanha.)

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes
 Avião ao publico. — Os passageiros de bilhetes regulares e manuais de assinatura de 1.ª classe operarios e installadores da linha E n.º 11, q. v. podem no regresso utilizar o comboio n.º 4516 que sai de Porto-Camões ás 6 horas e 40 minutos da tarde e chega a Ovar ás 6 horas e 30 minutos. Lisboa, 26 de dezembro de 1906. — O director geral da Companhia, Camillo.



GRANDE ÉXITO! ●

[illegible]

PREÇO DO FRASCO IS200 reais

Telephone, 1110

ATELIER DE ALFAIATE

A. C. LOPES & C.[®]

CONFECCOES PARA HOMENS E SENHORAS

LISBOA

55, Rua Ivens, 57, 1.º

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital	Acções.....	360.000\$000
	Obrigações.....	338.670\$000
	Fundo de reserva e de amortização.....	205.000\$000
	Reis	903.670\$000

SÊDE EM LISBOA

Proprietário das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior (Albergaria-a-Velha)

Instaladas para uma produção anual de cinco milhões de kilos de papel e dispendo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.

TEM EM DEPOSITO GRANDE VARIEDADE DE PAPEIS DE ESCRITA, DE IMPRESSÃO E DE EMBRULHO

Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de machina continuo ou redondo e de forma

ESCRITORIOS E DEPOSITOS

Lisboa - 270, Rua da Princeza, 276 - Porto - 49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereços telegraphicos: Lisboa - Companhia Prado - Porto - Prado. LISBOA - Numero telefonico: 605